

# Editorial

Estamos sem ar. As florestas estão ameaçadas pela passagem da boiada do agro-negócio e do capital financeiro, a camada de ozônio cada vez mais dá provas de um colapso ambiental em pleno andamento, a necropolítica devastadora torna ainda mais confusas as iniciativas de combate a uma pandemia inédita que atingiu diretamente os pulmões da população mundial. Nos vimos assolados, neste contexto, pela estratégia do trabalho *on line* -- isso se considerarmos apenas aqueles para quem essa realidade é possível. A facilidade de nosso acesso também vem com a facilidade de sermos acessados, explorados, avassalados e sufocados. De repente, nossa necessidade de uma estratégia de saúde pública, que tem o isolamento social como um dos fatores mais importantes, manteve ironicamente uma semelhança com o “sonho de sonhador” de Raul Seixas, no qual ninguém sai de casa e se configura “O dia em que a terra parou”. Tal como o cosmonauta Iuri Gagarin, citado por Lacan em seu seminário sobre Os problemas Cruciais da Psicanálise, parece que estamos enclausurados em nosso pequeno cosmo, neste caso, nada ambulante. Como diz a canção de Silvio Brito, “Pare o mundo que eu quero descer”! Por vezes, temos o sentimento de que a ironia de Belchior nunca foi tão atual: “Mas não se preocupe, meu amigo, com os horrores que eu lhe digo. Isso é somente uma canção. A vida realmente é diferente, quer dizer, ao vivo é muito pior”.

Apesar destas “consequências irrespiráveis” do casamento obscuro da ciência com o capitalismo e com a política, os psicanalistas trabalham incansavelmente constituindo este “pulmão artificial”, no qual podemos tomar um pouco de ar e ter acesso a algum gozo relativo ao que nos é essencial e nos humaniza: a fala. Assim, continuamos a constituir a nossa história e manter nossos laços, mesmo que pelas vias virtuais, temporariamente. Os psicanalistas, como os artistas, têm se mostrado como aqueles que nos lembram que ainda podemos respirar, que podemos continuar lutando, caminhando, elaborando...

É neste contexto que o número 40 de nossa Stylus Revista de Psicanálise finalmente surge. Nele se propôs como tema “Psicanálise, ciência e mal-estar na civilização: desafios” e, assim, encontramos vários artigos que seguem esta linha de questionamento tão urgente.

Abrindo nossa edição apresentamos, na seção Conferência Bilíngue, o texto de Sidi Askofaré, no qual ele discute a política da psicanálise sob o prisma da política do psicanalista. Ali, Askofaré discorre sobre os limites encontrados pela reconquista do campo freudiano, frente às incidências do neoliberalismo no campo das práticas de cuidado, das representações do terapêutico, do bem-estar e no campo cultural.

Na seção “Direção do Tratamento”, Sonia Alberti e Camila Cardozo Melo Sales abordam a importante temática da questão sobre o adolescente trans e sua relação com a ciência. Discutindo a questão do sujeito na ciência e na psicanálise, a partir de um contexto institucional — no qual se mantém relação com diversos saberes —, as autoras levantam a hipótese de que a maneira de lidar com as questões *trans* depara-se com o que Thomas Kuhn identificou como ciência normal.

Abordando o tema da arte e da psicanálise, Juliana Labatut Portilho, em um artigo bilingue, discute a questão do desenvolvimento da noção de objeto na teoria de Lacan apontando para a continuidade dos debates estéticos a partir desta noção.

A seção “Trabalho crítico com conceitos” é constituída pela contribuição de oito trabalhos. Yara Ligia Andrade Lemos, tal como Juliana Portilho, apresenta um trabalho que tem a arte de Paula Rego como tema na sua articulação com a clínica e a política. Gláucia Nagem de Souza e Lucília Maria Abraão e Sousa nos trazem um texto, que também recorre à arte mas discute a dimensão do horror e do desamparo relacionados à violência no Rio de Janeiro e no mundo. Daniela Batista apresenta um trabalho no qual a interpretação, a sófistica e a lógica do não-todo são objetos de suas indagações. Luiz Fellipe Almeida, Enzo C. Pizzimenti e Ivan Ramos Estêvão nos trazem um artigo que busca refletir sobre os limites, as possibilidades e os tensionamentos suscitados pelo encontro da psicanálise com as críticas que lhe são dirigidas a partir de pontos externos a ela. O artigo intitulado “A relação entre psicanálise e ciência à luz da equação dos sujeitos”, escrito por Pedro Mendonça Machado e Ana Paula Marques Lettiere Fulco, discute a, sempre atual e necessária, questão sobre a noção de sujeito em psicanálise e suas relações com o discurso científico. Realizando uma revisão bibliográfica na obra de Lacan, Koyré e Descartes, os autores diferenciam o discurso psicanalítico de outros discursos. No artigo “Descaminhos políticos de desconstrução da Reforma Psiquiátrica Brasileira”, Luciano Elia, Rita Meurer Victor, e Veline Simioni nos lembram da importância da Reforma Psiquiátrica Brasileira, movimento tão reiteradas vezes ameaçado no Brasil. O artigo aborda questões de fundamental importância político-institucionais às quais os psicanalistas devem estar em coerência e consonância, visto que têm em comum a causa do sujeito. Por sua vez, Beatriz Almeida traça considerações sobre o corpo e a adolescência a partir do conceito de gozo em Lacan.

Ao fim desta seção encontramos o artigo “Valor de transitoriedade é valor de raridade no tempo”, de Miriam Pinho, nos apresenta a atualíssima temática da morte e da transitoriedade, visto os tempos pandêmicos que vivemos. Neste trabalho, a autora se pergunta se não haveria “outros modos de se responder à inexorável transitoriedade da vida e das coisas que apreciamos”.

Na última seção de nossa revista, aquela dedicada ao “Espaço Escola” temos um trabalho sobre o fim de análise. Clarissa Metzger, com um texto intitulado

“Fim de análise e passe: um comentário sobre o passador e os ecos de um real no corpo”, discute o dispositivo do passe salientando a função do passador “como caixa de ressonância que pode fazer eco com seu corpo a algo do real que lhe foi transmitido pelo passante”.

Diante de tantas dificuldades que enfrentamos em 2020, temos o prazer de respirarmos um pouco mais e compartilhar textos que nos indicam uma decisão inquestionável dos psicanalistas em continuar trabalhando e estarem à altura dos desafios de sua época. Os desafios enfrentados pela Equipe de Publicação de Stylus não puderam nem podem ser suplantados sem a ajuda e contribuição de muitos colegas. Agradecemos especialmente à Comissão de Gestão da EP-FCL-Brasil, que nos confiou este trabalho. Recebam também nossos agradecimentos todos os autores e avaliadores *ad hoc*, que permitiram a publicação dos artigos, prezando pela manutenção da qualidade e pela orientação ao discurso analítico na revista. Agradecemos ainda a Fernanda Zacharewicz pela força dada nas dificuldades enfrentadas.

Desejamos a todos uma ótima leitura.

Luis Achilles Rodrigues Furtado  
Sobral, novembro de 2020.